

No hea koe? De onde você é?

DOI Number

10.24135/link.2021.v2i1.90.g115

Este artigo relata uma jornada do projeto de doutorado conduzido pelo pesquisador, Tangohia mai te taura (Pegue esta Corda). O estudo envolve pesquisar, dirigir e produzir um documentário sobre as queixas históricas de Te Whakatōhea e Te Whānau ā Mokomoko. Especificamente, explora os potenciais da prática e forma documental em relação a Mātauranga Māori (costumes e conhecimento maori) e kaupapa Māori (abordagens de pesquisa maori). O estudo busca questionar certas narrativas construídas por Pākehā sobre o assassinato exoticizado do missionário, o reverendo Carl Sylvius Völkner, em 1885. Como consequência de uma acusação de assassinato, meu ancestral Mokomoko foi preso pelo crime, preso e enforcado, protestando o tempo todo por sua inocência. Em retribuição, nosso povo teve suas cobijadas terras confiscadas pelo governo e se tornaram párias de vários relatos históricos. A tese pergunta como um documentarista maori desta iwi (tribo) pode chegar ao luto e à injustiça de tal evento de maneiras culturalmente sensíveis, para contar a história do impacto geracional. A pesquisa considera quatro características distintas da abordagem do autor como um cineasta indígena. Whakapapa – genealogia– Em maori, o pensamento whakapapa conecta o realizador com o filme, os entrevistados e a comunidade. No entanto, as conexões do whakapapa carregam a responsabilidade de navegar na produção de filmes com respeito e cuidado. Whenua & whanau – terra & família – Metodologicamente, minha abordagem através da incorporação. Passo o tempo residindo e reconectando-me com minha família extensa e as terras em que vivemos. Eu ando, penso,

ouço e sinto meu caminho através de um mundo complexo, buscando ativamente oportunidades de participar de wānanga (discussões) e apoiar kapa haka (artes performáticas maori) relacionadas à nossa terra e família. Minha posição é de humildade e cocriação. Estou ciente de que o rōpū (tripulação) com quem trabalho será chamado ao coração confiante de meu whanau. Assim, semanas antes do início da produção, convivemos com o mundo que o documentário busca registrar Tikanga – alfândega – O processo e as estruturas de fazer este filme permanecem cientes de tikanga Māori (costumes maori). Karakia e waiata (orações e canções maori) acompanham o processo de criação da obra. A grande tripulação maori está atenta aos protocolos e sensibilidades. Estas práticas também afirmam nosso rōpū (grupo) como uma família. Koha – reciprocidade – Ao contrário de muitas abordagens convencionais para a produção de documentários, onde os filmes são “filmados” de maneira econômica e eficiente, este projeto é baseado no conceito de koha (reciprocidade). As comunidades são entendidas como presenteando seu tempo e suas histórias e, em resposta, há os presentes do projeto de volta. Como artista, faço esforços conscientes para apoiar os iwi (tribos locais); repatriar conhecimentos e artefatos que localizo em minhas pesquisas, sendo um membro ativo dentro da cidade e apoiando iniciativas comunitárias. Como cineasta, sou membro de uma geração que foi cada vez mais afastada da história e da dor incorporada de meu whanau. Venho em busca de meu passado, em um esforço para compreender e contribuir com algo útil que apoie as aspirações e a agência do meu povo na obtenção de valor, cura e reparação histórica.